

Militância e religião no passado e no presente da luta pela terra

VALTER LÚCIO DE OLIVIERA⁶³

RESUMO

Grande parte dos militantes que se engajaram na luta pela terra na origem do MST tinham uma forte vinculação religiosa. Era um momento em que a Teologia da Libertação estava no auge e muitas organizações vinculadas, particularmente à igreja Católica, ganharam grande expressão social. Atualmente boa parte dos militantes formados nesse período mantém sua militância política, mas se afastaram da militância religiosa. Por outro lado, os militantes que estão à frente da luta pela terra atualmente não chegam a este engajamento a partir da religião. A “fonte” de militância é muito mais diversificada e suas trajetórias bastante distintas daquelas que deram origem ao MST. A partir da análise da trajetória de alguns militantes, alguns “originários” das bases religiosas rural e outros da classe média urbana, se pretenderá com esse artigo apontar elementos de análises para a compreensão dos motivantes da ação militante. Ressalta-se que esta análise está baseada em trabalho de campo realizada em dois assentamentos e um acampamento do Rio Grande do Sul e conforma um dos temas abordados em minha tese doutoral.

INTRODUÇÃO

Um exame mais detalhado revela o constante progresso do processo característico de secularização a que nos tempos modernos sucumbem todos os fenômenos que se originam em concepções religiosas.

Max Weber (1985, p.353)

O MST exerceu, ao longo de sua existência, uma forte atração no campo político das esquerdas e passou a ser identificado como o espaço organizativo quase que exclusivo de atuação para o enfrentamento. Um espaço, que além desse caráter contestatório, acumulava os ingredientes propícios à gestão de um novo paradigma social a partir do qual se poderia pensar a superação da mentalidade capitalista tomando como referência uma vivência comunitária com pretensões macro-estruturais. Assim, mesmo

⁶³ Professor Adjunto no Depto de Sociologia da UFF e no Programa de Pós-Graduação em Sociologia.

considerando as especificidades das reivindicações relacionadas à luta pela terra e as características organizativas do MST e de seus dirigentes, muitos militantes de esquerda de diferentes origens se converteram a esta causa.

A mudança no perfil destes militantes coincide com a mudança no perfil das famílias que passaram a integrar as fileiras do MST. Enquanto no passado tanto os dirigentes quanto sua base eram originários de famílias camponesas, atualmente são de origem urbana, mas de estratos sociais diferentes. Sua base é conquistada entre pobres das periferias das cidades e seus dirigentes são provenientes da classe média escolarizada. No que se refere à influência religiosa, aqueles que impulsionaram o surgimento do MST e introduziram as inovações em suas ações tinham forte vinculação com os movimentos religiosos fundamentados na Teologia da Libertação. E entre os sem terra a vinculação religiosa majoritária era com as igrejas católica e minoritariamente com a igreja luterana. Já as atuais liderança se declaram, em sua quase totalidade, não professar vinculação religiosa enquanto entre as famílias que integram sua base predomina a orientação evangélica pentecostal.

Considerando estes elementos brevemente expostos, este artigo busca compreender alguns perfis de militantes que estão na dianteira desse movimento tratando de analisar as suas diferentes lógicas de engajamento e retribuição. Isto será feito a partir de informações coletadas em pesquisa de campo realizada em diferentes momentos entre os anos de 2007 e 2009.

Com relação a pesquisa de campo, ela foi realizada em um acampamento e em dois assentamentos situados em uma mesma região do Rio Grande do Sul. Um dos assentamentos possuía, à época, três anos de existência e o outro 15 anos. Tais opções tiveram por objetivo privilegiar espaços de atuação interligados, porém com suas próprias particularidades e colocar acento na sua na dimensão diacrônica.

Num primeiro momento contextualizarei o artigo passando superficialmente pela trajetória do MST e na sequência discutirei o tema da militância entre os sem terras. Por fim, nas duas últimas partes, entrarei mais detidamente nos elementos que estiveram mais salientes na constituição de alguns militantes.

O MST

No início de sua constituição o MST estava composto basicamente por agricultores sem terra (ou com pouca terra) do sul do país designados por “colono”⁶⁴, uma referência que remete a um perfil de agricultor que se estabeleceu com o processo de colonização da região sul iniciada em meados do século XIX⁶⁵. Colono, portanto, integra o que é identificado de forma mais ampla – em termos teóricos – como campesinato. Essa categoria analítica, por sua vez, define os elementos simbólicos e materiais que compõe o universo no qual o camponês está inserido. Pode-se considerar então, que os sem-terra que dão origem ao MST compõem essa categoria social que é parte do campesinato e que, em certa medida, se viu expropriada de seus meios de produção e reprodução ocasionada por uma série de fatores estruturais (especialmente o processo de modernização conservadora da agricultura). Recusavam, todavia, a seguir a mesma sina daqueles que migravam para a cidade ou se empregar exclusivamente como trabalhador rural. O perfil desses sem terra, portanto, estava definido, naquele momento, por camponeses que almejavam manterem-se como produtores rurais gozando da autonomia que lhes é peculiar.

O “mito de origem” do MST tem relação com dois eventos bastante significativos: o desalojamento de dois grupos de camponeses promovido pelo governo do estado. Um deles residia numa área a ser inundada por uma barragem e outro que residia na reserva indígena de Nonoai⁶⁶. Estes são os eventos referenciados por grande parte dos que conhecem a história do Movimento. Foi a partir dali que emergiu esta nova forma de tratar a questão da terra e fez constituir um tipo de estratégia de luta, relativamente nova, baseada centralmente na ocupação de latifúndios. Estes grupos constituíram duas áreas de acampamento em 1979, nas fazendas Macali e Brilhante. Um terceiro grupo se formou nesse mesma época dando origem ao acampamento de Encruzilhada Natalino no município de Ronda Alta. Este acampamento fez estabelecer uma significativa região de conflito pela terra que rapidamente se expandiu numericamente. Influenciados ou não pela repercussão destes eventos, em outros estados também se realizaram ações desse

⁶⁴ Sobre o sistema de *colonato* estabelecido em São Paulo, bastante distinto daquele do Rio Grande do Sul, ver Martins (1981, especialmente a primeira parte). Sobre a colonização no RS, ver Da Ros (2008) e Machado (1999).

⁶⁵ Ver, Da Ros (2008), Tavares dos Santos (1978).

⁶⁶ Também é significativo a presença de camponeses que regressavam do centro-oeste e norte do país após se desiludirem com a experiência de colonização promovida pelo governo federal (Marcon, 1997).

tipo. Diante de toda essa mobilização o Estado se viu obrigado a uma intervenção. Por um lado houve muita repressão – ainda vigorava o regime militar –, mas por outro os Sem-terra se fortaleceram e impuseram a pauta da reforma agrária na agenda governamental⁶⁷.

A manutenção desses camponeses que estavam precariamente acampados naquela área contou com um ostensivo apoio de vários segmentos sociais, o que possibilitou o sustento material (e também moral) do acampamento, e atribuiu grande visibilidade àquela luta. Muitos núcleos de camponeses sem-terra foram formados internamente aos sindicatos e às CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), estimulados, sobretudo, por lideranças e por agentes vinculados à CPT (Comissão Pastoral da Terra). Foi a articulação desses diversos núcleos que veio a dar forma ao “MST”.

Deve ser observado, nesse sentido, que a posse da terra, até então tradicionalmente tratada como uma questão individual/familiar, torna-se uma questão coletiva e objeto de uma ação conflitual que demanda “estratégias e decisões políticas” (Gaiger, 1987, p.22).

Nesse processo se destaca alguns elementos discursivos importantes que passaram a ser incorporados ou consolidados nas manifestações do Movimento. Apoiados em certos ideários da esquerda irá incorporar um discurso baseado na noção de classe e passará a promover um ataque feroz ao sistema econômico e ao regime político em vigor, além de se fazer proeminente uma forte imbricação de elementos religiosos nos discursos políticos e vice-versa. Observa-se então uma passagem de um conflito com um objetivo pontual – a posse da terra – para um conflito que se expandirá para todo território nacional e passará a dizer respeito a toda sociedade⁶⁸.

Nesse processo de expansão pelo território nacional, muitas lideranças originárias do Rio Grande do Sul e, mais amplamente do sul do país, exerceram um papel de grande relevância. Esse processo de deslocamento de militantes do sul para o restante do país foi estudado por Débora Lerrer (2008). Esta autora acentua que o sul é o “grande ‘laboratório’ das experiências do MST, bem como origem da maioria de seus militantes e

⁶⁷ Sobre estes eventos veja, dentre muitos outros: Marcon, 1997; Schmitt, 1992; Medeiros, 1989.

⁶⁸ Momento diacrítico culminante dessa constatação se deu com a “Marcha Nacional por reforma agrária, emprego e justiça” quando praticamente toda sociedade se viu concernida pelas questões trazidas à baila pelos sem-terra. Sobre a Marcha Nacional veja o minucioso estudo desenvolvido por Chaves (2000).

dirigentes mais antigos, muitas vezes deslocados para outras regiões do país para “ajudar” a construir o movimento nestes lugares.” (Lerrer, 2008).

Como se percebe, o MST que se desenvolveu no sul assume características peculiares que o distingue das demais regiões do país. Obviamente que esta distinção tem a ver com todo o processo brevemente descrito acima e que fez emergir o “Sem-terra” como categoria social. Mas isso não significa dizer que estamos diante de um tipo social estático, a-histórico, impermeáveis às transformações que, dentre outras, se produziram a partir mesmo da própria luta vivenciada junto ao MST. Então, quando se fala atualmente do agricultor sem terra do Rio Grande do Sul de quem exatamente se está falando?

Primeiramente, deve ser considerado que há uma grande distinção entre aquele sem-terra proveniente daquela que é conhecida como a Região da Serra ou, de forma mais genérica e ampla, metade Norte, e aquele sem-terra proveniente da Região da Campanha, ou metade Sul. A metade Norte tem por característica a presença marcante dos descendentes de imigrantes europeus, sobretudo os de origem italiana e alemã estabelecidos, na sua maioria, em pequenas propriedades de caráter familiar. Essa região é considerada aquela que apresenta maior grau de “desenvolvimento”. Já a metade Sul é caracterizada por extensas planícies e propriedades de maiores dimensões baseadas, historicamente, na produção de gado e de colonização predominantemente açoriana. Por seu lado, essa região está associada a um menor “desenvolvimento”. Enquanto que na metade Norte os “sem terra” eram, em sua maioria, pequenos agricultores ou filhos de pequenos agricultores, na metade Sul os sem terra eram, em grande medida, funcionários de fazendas, pequenos arrendatários e trabalhadores sazonais. Para o recorte aqui pretendido, os sem terra que se estabeleceram no assentamento mais antigo tem maior relação com o perfil de agricultor originário da Metade Norte. Mas essa generalização é válida apenas para o caso daqueles assentados mais antigos que foram trazidos da região de conflito descrita anteriormente.

Os assentamentos constituídos mais recentemente, num dos quais realizei minha pesquisa, apresentam características distintas. Percebe-se que a estratégia do MST na composição desses assentamentos foi o de mesclar diferentes perfis de sem-terra. Uma parte destes ainda tem relação com esse perfil originário do MST, ou seja, pequenos agricultores ou seus filhos que viram no Movimento a única forma de se manterem como

camponeses. Estes vieram da Metade Norte do estado. Outro perfil está constituído por trabalhadores rurais e aqueles considerados “ex-agricultores” ou filhos de agricultores que migraram para a cidade e, diante da difícil adaptação ou impossibilidade do estabelecimento sócio-econômico, decidiram se incorporar à luta do MST para tentar uma nova vida ou recuperar a vida que outrora tinham a partir da agricultura. Esse perfil tem origem variada, mas com destaque para a periferia das cidades consideradas as mais pobres do estado. Essas cidades são pertencentes à metade sul do estado, mas estão relativamente próximas da região metropolitana. Portanto, não se trata de indivíduos que deixaram uma determinada região para seguir como agricultor no meio rural, um tipo de migração rural-rural, como no caso do perfil anterior e nos casos dos sem-terra mais antigos. Trata-se mais bem de um tipo social que busca outra forma de inserção econômica e social, é um tipo de migração urbano-rural, ou, no limite, rural-urbano-rural.

No acampamento no qual realizei minha pesquisa este era o perfil majoritário. Dentre estes acampados, encontravam-se pessoas que estão ou estiveram envolvidas com drogas, álcool, criminalidade e violência. É recorrente a presença de ex-trabalhadores autônomos como aqueles empregados na construção civil e no recolhimento e separação de material reciclável. O local de origem da maior parte dessas pessoas são as “vilas”⁶⁹ que circundam os grandes centros urbanos como Porto Alegre e Canoas e uma parte dessas pessoas já carregam consigo as experiências de “invasões” de áreas urbanas.

Como deixo evidente nessa descrição, os indivíduos que são organizados pelo MST para realizarem as ocupações e mesmo aqueles que já foram assentados recentemente, têm um perfil bastante diferente dos que estiveram na origem dos conflitos por terra no Rio Grande do Sul. Foi em consideração a esses aspectos, que busquei estabelecer análises comparativas entre dois assentamentos escolhidos, prioritariamente, com base no seu tempo de existência. Dessa forma, foi possível o estabelecimento do contraste entre o perfil do assentado em ambos os casos e, assim, perceber, com maior nitidez, as diferenças fundamentais entre os militantes desde uma perspectiva diacrônica e sincrônica. Também baseado nessa justificativa, a pesquisa realizada também contemplou um acampamento que, por sua vez, reúne uma série de características

⁶⁹ Como também salientado por Caballeiro (2008, p.17) o termo “vila” assume no contexto regional um sentido pejorativo, é sinônimo do que em outros lugares se denomina “favela”.

próprias desse estágio de luta pela terra e no qual se gesta as ações militantes de maior impacto.

AFINIDADE SELETIVA: O SENTIDO DE SER MILITANTE

A noção de militante é ela mesma distante do universo do assentado e do acampado médio⁷⁰. Durante um momento em que conversava informalmente com uma acampada e sua filha adolescente de 15 anos, ela me disse que um certo dirigente lhe havia dito que ali todos eram militantes do MST. Meio na dúvida pediu a confirmação da filha que assentiu tal comentário. Então lhe questionei o que seria ser militante. Novamente pediu auxílio da filha que respondeu no lugar da mãe dizendo que o simples fato de estarem ali, e participarem das instâncias internas já era suficiente para lhes fazerem pertencer ao MST e isso significava, portanto, que eram militantes.

Apesar desse dirigente sugerir àquela acampada uma definição de militante que é extensiva, de forma indistinta, a todos os que estão ali acampados, na prática o militante não é qualquer acampado. Esse entendimento é claro tanto para o acampado quanto para os “militantes” apesar da retórica presente no diálogo referido por aquela senhora. Várias situações confirmam essa distinção de forma bem clara⁷¹. Pedi, em uma entrevista com uma dirigente do acampamento, que formulasse a definição de militante que ela tinha. Militante então, é aquela pessoa que se engaja voluntariamente no movimento sem expectativa de uma retribuição específica, é aquele que demonstra ter uma visão de maior alcance e que está disposto a se orientar pela organização. No acampamento o espaço por excelência dos militantes era a Brigada de Organicidade (BO)⁷² e no assentamento era a Direção.⁷³

⁷⁰ Já no caso dos assentados, sua trajetória lhe fez se habituar a tal designação, portanto é mais frequente esta referência em suas falas.

⁷¹ Sigaud et al (2006, p.33) também apontam para esta distinção.

⁷² Ainda há os Núcleos de Base, Equipes de Trabalho e a Coordenação do Acampamento, mas estes espaços são de participação quase obrigatória e se constitui, para muitos, apenas uma etapa a partir da qual passará ao assentamento. Não chegam a constituir espaços de militantes e nem, necessariamente, para constituição de militantes. Ainda que sejam previstos para este objetivo.

⁷³ São nesses espaços e através desses militantes que se percebe a articulação de um discurso politicamente religioso e religiosamente político na justificativa de suas ações e na transmissão de suas convicções. Tal arranjo faz com que seu discurso seja entendido como um discurso purificado de interesses e “naturalmente verdadeiro”. É notável entre os militantes aquilo que Bourdieu chamou de “função da humildade sacerdotal”, ou seja, “é anulando-se completamente em benefício de Deus ou do Povo que o sacerdote se faz Deus ou Povo. É quando me torno nada (...) que me torno Tudo” (Bourdieu, 2004, p.196).

Mal entendido semelhante ocorreu no início de minha pesquisa quando entrevistava o Manuel, um assentado do assentamento novo.

E em termos de militância, como é a relação dos assentados com o MST?

Militância? ***Isso, do compromisso com o Movimento...*** Geralmente essas pessoas que são militantes, o fato de ser militante já é um compromisso, já é uma identidade com a luta de classe. É muito mais sacrificoso pra nós. Por exemplo, no assentamento, que estão militando diretamente, eu acho que tem em torno de uns 15 a 20%. É muito mais difícil pra nós, pros militantes tocar o lote ou fazer com que a terra dê a resposta que é necessária pra sociedade ou pras famílias e tocar a militância. Pra conciliar essas duas coisas hoje nós encontramos dificuldades. Porque militar e estar sempre no processo de luta faz com que em algum momento deixe a desejar no lote, tendo em vista que nós não temos um grupo conciliado, não tem nenhuma associação, nenhuma cooperativa, onde crie formas de cooperação para abrir espaço pra militância. Os militantes têm que conciliar as duas coisas ou abandonar os lotes pra ir militar. Então isso é uma das dificuldades, mas o fato de essas pessoas se dedicarem e se sacrificarem pra isso é a identidade da causa, identidade pela luta, pela reforma agrária pela transformação que ainda acreditemos na sociedade. (...) Como tem algumas pessoas que não conseguem conciliar isso, ou ficam militando contribuindo meio que quando pode, ou muitas vezes abandona a militância para se dedicar ao lote, se acomoda. Principalmente quem não tem família agrava mais a questão ainda. Se tiver família ela vai tocando o lote e a pessoa militando, mas esse é um problema, um limite que nós temos. Os militantes que nós temos são todos solteiros, então alguns com afinidade de cooperação com algumas pessoas mas aqueles que tem essa afinidade de cooperação são os militantes, então o militante vai e o outro tem que ficar ou se vai todo mundo é aquela questão. Então hoje nós vivemos isso, não tem aquele grupo consolidado onde tenha pessoas que consiga ficar mais definitivo no assentamento pra outros militar e ter aquela troca, muitas vezes tem que ir todo mundo e muitas vezes o cara tem que voltar pra cuidar do lote. Mas a militância se sacrifica pra fazer com que a organização cresça.

Minha pergunta enviesada acabou por conduzir nossa conversa para um assunto interessante. Mas meu objetivo inicial ao me valer do verbo “militar” e não do seu substantivo, era apenas saber o tipo de relação que o assentado médio estabelecia com o MST. Visava perceber a expressão de se sentir parte do MST, de agir demonstrando algum nível de fidelidade e gratidão ao Movimento, de notar a ocorrência ou não de renúncias ao histórico de luta e ao próprio MST entre os assentados de forma geral. Sua dúvida inicial expõe a hesitação com relação à minha questão, mas quando eu associei a ideia de “militância” à de compromisso ele logo substantivou o central de minha questão e passou a falar sobre o sujeito militante. A direção que ele atribuiu àquela parte da conversa a conduziu para temas mais interessantes inclusive relativos ao conteúdo original da questão.

Ele fala do militante enquanto identidade com a luta de classe, com a reforma agrária, com a transformação da sociedade. Fica acentuado o caráter voluntarista de sua

ação e as dificuldades para conciliar as urgências da militância com os trabalhos do lote. Apresenta as contradições desse processo. Deveriam ser o exemplo para a sociedade e para as famílias do assentamento no que se refere a fazer daquele espaço um modelo de produção, mas por força da militância são obrigados a deixarem seus lotes abandonados e, dessa forma, “abrirem a guarda” para as críticas que lhes chegam do interior e do exterior do assentamento. Especializaram-se no trabalho organizativo, mas não conseguem organizar uma associação ou cooperativa que lhes possibilitassem a liberação remunerada de militantes sem prejuízo à produção. A ausência desses tipos de organizações poderia ser suprida caso os militantes contassem com o apoio de suas famílias, no entanto, todos os militantes que se dedicam à causa do Movimento são jovens e solteiros e estão sozinhos cada qual em seus lotes. Mesmo quando consideram a possibilidade de organizarem a produção coletivamente no assentamento, eles se dão conta de que os que compartilham das afinidades para tal empreendimento são todos eles militantes e, de uma forma ou de outra, o engajamento nesse tipo de organização produtiva traria prejuízo à necessária militância.

Ser militante é se sacrificar, é colocar sua vida à disposição do movimento para fazer com que “a organização cresça”. Por isso acentua que no máximo 20% do assentamento pode ser distinguido como militante. Mas ser militante é, ao mesmo tempo, se colocar no alvo das críticas. Eles ocupam a posição de mediadores entre os assentados e o MST, mas também entre os assentados e outros atores sociais, como o poder público. Portanto, as críticas lhes chegam de todas as partes. Manuel era justamente um dos militantes que estava sofrendo a acusação de haver direcionado a realização de serviços públicos apenas para as proximidades dos lotes dos militantes quando deveria atender a todo o assentamento. Parte dos assentados lhe fazia tal acusação e, ao que tudo indica, os representantes do poder público jogavam com essa disputa interna buscando acirrará-la.

De fato, no assentamento novo, havia sempre a menção ao grupo dos militantes. Esse grupo estava integrado por aqueles assentados que quase sempre estavam em seus lotes e eram os que ocupavam postos nas estâncias organizativas do Movimento. (Frente de Massa, na Direção Estadual, no Coletivo de Educação, etc). Nesse assentamento os militantes eram acusados de não possuir aptidão para trabalhar na agricultura e por isso deixavam seus lotes para se dedicarem exclusivamente à militância.

Eram, conforme diziam, os que gostavam de ficar andando de carro pra cima e pra baixo, de participar de reuniões, de manifestações, etc.

Já no caso do assentamento antigo, essa designação era mais diretamente relacionada aos que compunham a cooperativa⁷⁴, pois era desse grupo que saíam os principais militantes para servirem ao MST. Eram os que podiam se liberar integralmente de seus afazeres na cooperativa sem prejuízo ao seu salário e, ao mesmo tempo, sem o estigma de “não gostarem de trabalhar” que era colado naqueles do assentamento novo. O que se notava dentre os cooperados era a dificuldade de encontrar “militantes”, pois todos queriam “sossego”, preferiam ficar no assentamento e trabalharem nos seus afazeres cotidianos permanecendo próximos de seus familiares. Esta situação se agravava devido ao fato da direção do Movimento reivindicar aqueles que eles identificavam como militantes mais capacitados, não deixavam abertura para qualquer indicação, não podia ser qualquer membro da cooperativa. Os próprios integrantes da cooperativa reconheciam que dentre seus membros apenas alguns encarnava o perfil exigido para estar à frente do MST. Essa situação acabava por desgastar alguns militantes.

RELIGIÃO E MILITÂNCIA

Nem as religiões, nem os homens, são livros abertos. Foram antes construções históricas do que construções lógicas ou mesmo psicológicas sem contradição. Com frequência, encerram uma série de motivos, cada qual, se seguindo isolada e coerentemente, teria obstruído o caminho dos outros ou se chocado contra eles frontalmente. Nas questões religiosas a “coerência” foi a exceção e não a regra.

Max Weber (1985, p.335)

O movimento no seio da igreja católica representado pela Teologia da Libertação significou uma forma extrema de religiogização do político e a politização do religioso. Tal processo fez introduzir entre muitos fiéis uma pesada carga de críticas às diversas dimensões da sociedade incluindo aí a própria religião institucional. Como notado empiricamente, muitos agentes, que se forjaram enquanto militantes no bojo de seu

⁷⁴ Cooperativa de Produção que reunia assentados (majoritariamente militantes) que desde o acampamento se organizaram para produzir nesse formato.

engajamento em atividades e organizações da igreja, atualmente se assumem religiosos afastados da estrutura eclesiástica.

As evidências levam a considerar que toda dinâmica inspirada pelas perspectivas introduzidas pela Teologia da Libertação parece compor um processo de saída da religião, ou o caminhar para uma religião secular (conforme em Piette, 1993). Durante a pesquisa de campo encontrei, especialmente no assentamento antigo, um corpo de dirigentes que, em sua quase totalidade, esteve fortemente vinculado à Igreja Católica na sua vertente progressista. Este vínculo foi determinante em seus engajamentos posteriores, especialmente com relação à luta pela terra, mas a quase totalidade desses militantes se diziam afastados da igreja.

Nesse sentido, o espaço subjetivo e objetivo que é acionado pela religião e que atribui sentido à existência da pessoa religiosa parece que vai sendo ocupado por outras possibilidades de sentidos que é próprio à militância política e que compõe o sujeito militante. O sujeito religioso que emerge com a Teologia da Libertação e dos eventos e organizações subjacentes, vive sua fé alimentada por justificativas políticas que faz estabelecer uma ruptura com a *doxa* na qual estava imerso e cria um novo espaço heterodoxo de possibilidades no qual se realiza a correlação direta entre discursos ideologicamente contrastantes e contraditórios. Obviamente que mesmo doutrinas rigidamente ortodoxas convivem com o contraditório e isso é válido, especialmente, quando se trata da experiência religiosa. Como afirma Weber na epígrafe dessa seção, as religiões não se estabelecem baseadas em uma estrita coerência. No entanto, para alguns militantes essas contradições podem ser insuportáveis.

Com a carga de crítica que se acumula a partir do discurso político, o religioso também entra na mira. Pode-se dizer que durante uma certa época o sentido da existência desses militantes estava estreitamente relacionado ao engajamento religioso na comunidade e ao engajamento nas organizações da Igreja Católica. A partir de determinado momento esse espaço subjetivo e objetivo é ocupado pela militância no MST. Ligia, uma liderança do MST é um caso exemplar. Militante da Pastoral da Juventude, morou no meio rural com os pais e mais duas irmãs até os 21 anos quando decidiu ir acampar em 1988. Antes, porém, seu pai, que possuía apenas 10 ha de terra, não quis deixá-la ir para o acampamento sem, ao menos, conhecer a realidade de tal organização. Então ele passou 15 dias acampado no lugar da filha. Percebeu que o

ambiente era seguro, porém carregado de dificuldades o que o fez imaginar que sua filha não iria suportar ficar por muito tempo naquele lugar. Mas, para sua surpresa, ela não apenas se incorporou facilmente à dinâmica do acampamento como rapidamente entrou numa via de ascensão como militante. Após 4 anos e meio acampada ela conquistou um lote de terra no assentamento em que vivia atualmente.

Ligia recorda que a motivação para ir acampar estava relacionada a um padre da comunidade rural na qual vivia. Segundo me narrou, este padre também tinha formação em psicologia e, nessa condição, realizou com ela algo semelhante ao que seria um teste vocacional:

Então, na época nós tínhamos um padre lá que era muito ligado à Pastoral da Juventude, ele era psicólogo, o Pe João ele era fantástico. Ele que me disse “*eu acho que tem um caminho legal pra você se encontrar, e tal. Trabalhar de empregado eu acho que não é o teu forte e aqui também você não deve ficar, você vai fazer o que aqui? Então você vai encontrar o teu caminho*” Ele não disse assim o que era pra mim fazer. Depois disso a gente continuou no acampamento e quando voltava pra base a gente ia até a igreja conversar, mantinha essa relação.

Seu pai, o Seu Xico, que eu havia entrevistado cerca de um ano antes de conhecê-la e que estava assentado no lote de terra que havia sido conquistado por Ligia⁷⁵, também recorda a influência decisiva do Padre João na produção das condições subjetivas para que ela se convencesse e consolidasse sua decisão de acampar. Ele destaca o aspecto psicológico de sua opção:

Porque a Ligia foi acampar?

Tinha um padre lá que era meio psicólogo, aí falou com ela. De certo fizeram uma reunião lá de juventude e coisa né, e ele começou a desconversar com ela e de certo viu que ela tinha algum problema psicológico daí disse que ela tinha que achar um ramo, achar um jeito dela pegar um caminho que se distraísse ... fizeram até *gravação*⁷⁶... não sei como é que se diz... era *gravação*, fazia

⁷⁵ Seu Xico morava na agrovila do assentamento antigo onde dividia uma casa com Ligia (mais seu esposo e sua filha), ela morava na parte de cima e ele com sua esposa e o filho mais novo moravam na parte de baixo. Seu Xico tinha 66 anos e vinha de uma família camponesa de 12 irmãos (4 homens e 8 mulheres). Como filho mais novo herdou do pai um lote de 10 ha como forma de convencê-lo a não se mudar para a cidade: “*Pra mim escorar, se eu saísse ia ficar só os mais velhos e as meninas mais novas, 5 mais novas*”. Teve 3 filhas e um filho adotivo. Ligia é sua filha mais velha (42 anos). As outras duas mais novas também se engajaram na luta por terra. Todas estão assentadas e a do meio também é *militante* e trabalha integralmente em uma escola do Movimento. O lote que seu Xico possuía era originalmente da Ligia, mas como ela era casada com uma pessoa que também conquistou um lote no mesmo assentamento, eles não podiam acumular os dois, por isso ela cedeu seu lote para seu pai. Esse é um tipo de estratégia que, em alguma medida, burla a regra moral do MST de que no caso de um casal se formar no assentamento em que ambos sejam titulares de lotes diferentes, eles devem abrir mão de um deles.

⁷⁶ Imagino que seja a técnica da *regressão*.

cachoeira e ia conversando aqui até ela dormir. Daí no fim ela resolveu de ir acampar e eu não estava muito... não sabia como era.(...) Eu achava muito perigoso ir acampar. Eu pensei em não deixar, mas daí não dá como ela quer, ele ia se queixar. Mas daí *ela foi e ficou feliz, ela gosta*. Eu disse pra ela parar com isso ai ela me disse “*vocês não querem me ver feliz então?*” (risos).

De fato, ao longo de toda sua fala Ligia deixa acentuado a transformação que sua vida experimentou após se engajar na luta conduzida pelo MST: “*se não tivesse sido a luta pela terra, minha vida com certeza seria outra, teria tomado outro rumo que com certeza seria bem pior*”. Parece-me apropriado analisar esse tipo de engajamento segundo a perspectiva presente no interessante estudo realizado por Charles Suaud (1978) acerca das condições objetivas e subjetivas que informam a produção de vocações sacerdotais. Rico em detalhes quanto ao ambiente regional (La Vendée – França) do qual a emergência de vocações religiosas era quantitativamente saliente com relação às demais regiões da França, Suaud constrói seu estudo apontando a base material que, conjugado à dimensão subjetiva da fé irá possibilitar a objetivação de um sujeito social sobre o qual as ciências sociais até então estava “desautorizada” a falar. Para alguns teóricos, especialmente os teólogos, a vocação religiosa fugia ao poder objetivante da sociologia uma vez que estava fundada na “essência” da religião que se constitui na experiência do sagrado.

O caso de Ligia e de outros militantes parece reter alguns dos elementos que atuam no processo de constituição do que Suaud chama de *complexo da vocação*. A vocação para a militância, “descoberta” e incentivada pelo padre, parece que estava involuntariamente contida na essência de Ligia. Em algum recôndito do seu ser havia o embrião da militância que germinou a parti das condições subjetivas produzidas pela fala autorizada do Padre/Psicólogo. As questões objetivas que são trazidas à tona o são justamente para definir seu desajuste com a essência que Ligia trazia. Trabalhar de empregada urbana ou ficar no meio rural onde estava, não eram atribuições “adequadas” ao seu “eu interior”, o seu potencial enquanto pessoa estava para além daquele “mundo”.

O discurso do padre é ele próprio um discurso performático. Ao mesmo tempo em que enuncia uma realidade ele a anuncia, ou seja, ele a está construindo e a fazendo visível. Seu discurso é acolhido em meio a determinadas condições objetivas que acentuam sua pertinência. A quase impossibilidade de reprodução sobre o patrimônio familiar, o ambiente de militância proporcionado pela participação religiosa, o seu grau de estudo, sua condição de mulher que, no meio rural, também impõe limites às suas

possibilidades, são alguns dos elementos que compõe um substrato receptivo ao diagnóstico e proposição feitos pelo padre. Dar sentido à sua vida, conforme a sutileza do padre, ou resolver o seu problema psicológico, conforme a dedução lógica de seu pai, acusam o desajuste estrutural no qual ela está enredada. Sua crise pessoal é também reflexo de uma crise na estrutura de reprodução de seu meio. Esta crise está alimentada, ao mesmo tempo, por novos horizontes que o engajamento pastoral e a distinção educacional lhes apresentam. Todos estes ingredientes estão nutrindo o seu “problema psicológico” da ausência de sentido em sua vida e arquitetando o momento da ruptura. A ruptura se completa quando uma nova realidade se apresenta reunindo as condições de ajustamento às suas inquietações subjetivas. Essa nova realidade ela encontrará no acampamento e, em seguida, na ascensão como militante do MST. Ela, que se sentia perdida, “encontrou o seu caminho” e nele se manteve fiel a partir de então. O engajamento no Movimento significou para Ligia o encontro do sentido para viver que ela sentia lhe faltar. A partir dali seu mundo havia se transformado acentuadamente .

Essa transformação atingiu também as suas convicções religiosas. Inicialmente ela ainda mantinha a proximidade com a comunidade de origem e especialmente com o Pe. João, mas a militância a consumia totalmente. O contato com a igreja à qual pertenceu também se dava sob um outro registro. Tratava-se agora de uma via para conquistar novos interessados em acampar. Mas o afastamento da igreja foi se dando gradativamente, mesmo como fonte de “novos” Sem-terra. A partir de um determinado momento a busca por novos aderentes se voltou para outros âmbitos sociais. Mesmo os quadros dirigentes eram fomentados agora a partir de uma gestão interna de militantes:

a igreja também fechou um pouco as portas, a Teologia da Libertação... teve toda uma mudança estrutural também nesse sentido. Isso dificultou o dialogo com o Movimento, ficou muito mais uma vontade pessoal do que da própria instituição, da igreja, e a gente sente hoje... muita gente que se forjou na igreja não consegue mais estar nesse espaço aí. E depois disso a militância de uns 6 anos pra cá não foram pessoas que vieram da igreja, são pessoas que vem de outros espaços, de outros lugares, de outras militâncias. Uma parte vem dos grêmios estudantis, os sindicatos todos se apelegaram de certa maneira, então não tem mais... como é que eu vou dizer assim, formação de quadros. Hoje o próprio movimento tem que formar seus quadros, que vão despertando no acampamento, de fora vem muito pouco, de outros lugares. A não ser as pessoas que vem pela causa, mas ai já é uma formação pessoal, *ou que vem da universidade, a partir dos sentimentos...* Da igreja hoje dá pra contar nos dedos quem vem dessa linha aí. É um tema triste pra pensar, não tem mais esse engajamento da igreja.

O que notei em meu trabalho de campo confirma este diagnóstico que foi traçado por Ligia. Dos quadros que conheci do Movimento não encontrei nenhum que assumisse uma participação prévia nas organizações vinculadas à igreja (qualquer que seja). Ao contrário, foi dentre esses quadros onde encontrei posicionamentos muito mais reticentes com relação à religião e mesmo nos casos em que assumiam alguma pertença religiosa essa dimensão não estava conjugada diretamente com a causa assumida junto ao MST. Esse aspecto é bastante evidente no caso do acampamento e do assentamento novo, mas também no caso do assentamento antigo os militantes que encontrei possuíam uma trajetória semelhante à de Ligia. Ou seja, se reconhecem originários do meio religioso, mas ao qual há tempos não se sentem mais vinculados.

Como antecipado na fala acima, ela não mais se identifica com a igreja que fechou as portas pelas quais ela própria saiu para entrar no Movimento. Seu gesto, por exemplo, de celebrar o batismo de sua filha numa cerimônia “particular”, ela que se forjou no seio de uma comunidade, também indica, em certa medida, o seu afastamento do sentido comunitário da religião. Sugere também que a religião não está acima de tudo, que seu sentido se realiza apenas se estiver integrada a outras dimensões. Não há, para Ligia, um valor intrínseco à religião.

Ligia acentua que, do ponto de vista prático, a condição de acampada a afastou da religião, pois estava consumida pelas tarefas do Movimento e pela dinâmica instável que caracteriza um acampamento. Do ponto de vista ideológico ela passa a questionar a igreja em seu poder institucional: *“enquanto igreja eu tenho muitas críticas. Eu acabei me afastando mesmo, também por conhecer depois a história da igreja”*. Mesmo do ponto de vista de sua fé ela também viu transformações. Ao perguntar a ela se continuava acreditando em Deus ela disse:

Eu acredito numa força maior que pode ser chamado de Deus. Eu não sei como explicar isso, mas eu acredito nessa energia, nessa força cósmica, divina, numa força maior. Senão não teria razão de muitas coisas... Mas não no papa, no bispo, no padre, isso não, mas eu pratico a minha religião de outra forma. Eu sou católica, digamos, eu fui batizada, fiz primeira comunhão, fui crismada, me casei pela religião católica hoje tenho muitos afilhados pela igreja católica, mas assim, participo mais como integrante de uma comunidade assim, mas não que eu ache que é por aí que a gente vai atingir a salvação, é em outra coisa que eu acredito.

Como discutido em outra parte, esses argumentos são característicos de um subjetivismo próprio da modernidade. A caracterização de Deus que Ligia faz está mais

próximo da formulação presente no âmbito religioso conhecido como Nova Era⁷⁷. É a recusa do poder institucional e mesmo de um Deus pessoal. Mesmo não renunciando à sua condição de católica, atestada pelos sacramentos que enumera, ela, em alguma medida, está tratando de explicitar que tudo isso deve ser lido no registro do social, menos do que no do religioso. Como parte de uma comunidade ela acentua a importância social do compadrio e da exposição ritual de outros eventos religiosos. Mas afasta o conteúdo escatológico dessa forma de vivenciar a religião. Não é nisso que ela acredita.

Curiosamente, de sua prática o que ela interpreta como uma nova forma de ação religiosa é justamente seu engajamento militante. Nesse caso sim, as atribuições que um crente faria à sua religião, ela faz ao MST, que é do qual emana o sentido de sua prática militante:

No que você participa hoje que você possa definir como sendo de caráter religioso?

Não sei, a própria participação na comunidade, quando precisa eu estou colaborando, a própria militância que a gente faz eu não faço por dinheiro, por outra coisa, porque se fosse por isso, cada um ia cuidar da sua vida, eu acho que a minha prática, se eu olhar pela formação religiosa que eu tive, eu acho que a minha prática é uma prática, digamos assim, religiosa, uma prática de doação, tudo aquilo que eu tenho eu também partilho. Eu não trabalho por hora, sabe, mas porque eu acredito nas pessoas, na formação das pessoas, na força da organização. Pra mim hoje o movimento é o que mudou a minha vida, mudou o sentido da minha vida. Foi o que a pessoa que me orientou pra vir para o Movimento, disse que o Movimento ia dar sentido à minha vida. Ele disse com essas palavras, mas eu descobri depois que eu fui pra Organização. Porque a minha vida era uma vida sem muito sentido, não via muito sentido de viver, por mais que eu participava da igreja eu não me encontrava como pessoa. O movimento me ajudou a me encontrar, eu me encontrei nas outras pessoas também. Eu não sei se daria pra resumir como prática religiosa. Essa mística que a gente faz, realiza a mística da utopia, de ter um sonho, de acreditar numa nova sociedade, sem explorado, sem exploradores, acreditar que é possível viver num mundo que não seja um mundo capitalista, eu acho que é uma prática religiosa se for olhar do ponto de vista que eu enxergo isso, a minha formação. Rezar, eu acho que não dá pra somente ficar rezando, tem que praticar, é a prática que tem que mudar... e acreditar em algo maior. Enquanto vai pra igreja e reza e reza e está sempre do mesmo jeito. O que me move é a prática, o resultado disso.

A religião foi para Ligia, quando jovem, o que o MST passou a ser para ela a partir do momento em que se descobriu militante. O sentido que, em certo momento, a religião, a participação na Pastoral da Juventude e a vivência em comunidade atribuiu à sua vida, servia agora como matriz para pensar sua prática militante e a considerá-la uma prática

⁷⁷ Para uma boa análise e revisão bibliográfica sobre a Nova Era, ver Oliveira (2003).

religiosa. Ela recupera novamente a presença marcante em sua trajetória, especialmente quanto ao rumo que em determinado momento tomou, do Padre/Psicólogo. A interação e identificação pessoal com esse padre, conforme acentua em vários momentos da entrevista, foram definidores do seu ingresso no acampamento e, posteriormente, sua consolidação como quadro dirigente do Movimento.

Anita, uma outra liderança (sobre quem voltarei adiante) de perfil mais próximo daquele caracterizado por Ligia, ou seja, mais urbano e “recrutada” do meio universitário, coincide na definição expressa de militante que Ligia sugere e que também pode ser deduzida de outras falas. Ser militante é abdicar de um retorno material de sua prática, é fazer o bem às pessoas de forma “desinteressada”, é não dedicar apenas parte de seu tempo, mas viver integralmente sua condição de militante e é, sobretudo, acreditar na Organização e no sonho da transformação através da luta que empreende.

ENGAJAMENTO RELIGIOSO NO MST E ENGAJAMENTO POLÍTICO NO RELIGIOSO

Como já antecipei, eu encontrei no acampamento e também no assentamento mais novo um número significativo de jovens provenientes da classe média que abandonaram cursos superiores, ou profissões já estabelecidas para viverem o sonho da construção de uma nova sociedade⁷⁸. Esses jovens ocupavam as principais posições de liderança. Sua seleção se deve ao alto grau de formação escolar que possuem e ao *ethos* militante que carregam. É baseado nestes atributos que eles são alçados à condição de lideranças mesmo quando não ocupam formalmente os cargos disponíveis na direção. Com relação a isso pode-se perceber a ocorrência de uma homologia estrutural de posições entre o grupo dirigente do acampamento e o grupo dirigente de outras instituições da sociedade, inclusive com aquelas nas quais estão habituados a negociar. Goffman (2003, p.106), ao analisar as instituições totais, faz algumas observações que vem ao encontro dessas análises:

Para que possam apresentar-se com elegância e eficiência na sociedade mais ampla, pode ser uma vantagem o fato de serem recrutadas nos

⁷⁸ Com alguma variação ao longo do período da pesquisa, no acampamento eram em 8, 5 mulheres e 3 homens, no assentamento novo eram em 10, 7 homens e 3 mulheres. Além destes haviam mais 2 integrantes do grupo militante no acampamento e 2 ou 3 no caso do assentamento novo que não se enquadravam nesse perfil: alto grau de formação, urbanos e com forte capital militante.

mesmos pequenos agrupamentos sociais em que são escolhidos os líderes de outras unidades da sociedade mais ampla. Além disso, se as pessoas da equipe dirigente são recrutadas uniformemente num estrato da sociedade mais ampla que tenha um posto mais elevado e legitimado do que aqueles em que são recrutados os internados, a separação, existente na sociedade mais ampla provavelmente confirma e estabiliza a regra do grupo dirigente.

Essa situação é notória. São aqueles que possuem um significativo volume de capital cultural e, especialmente, um capital lingüístico que os representarão junto às instâncias mais elevadas do Movimento e também junto aos órgãos públicos nos quais negociam suas pautas. Da mesma forma, internamente ao acampamento se reproduz, grosso modo, a estrutura que vigora na sociedade mais ampla. Ou seja, a hierarquia social que faz um agricultor se calar frente ao doutor agrônomo, o analfabeto frente ao letrado, o esfomeado frente ao nutrido, etc., também ali se verifica. Nesse mercado de bens simbólicos a dotação de valor a estas diferentes falas e a eficiência de seu poder performático se realiza de forma bastante desigual. Nesse sentido, a estabilidade do corpo dirigente e a própria estabilidade daquele espaço social estão sustentadas nessa distribuição desigual dos diversos capitais valorizados ali e na sociedade como um todo.

Mas esse processo não é assim tão linear e determinista. A complexidade dessa interação, e também no que se referem ao próprio engajamento pessoal nessa causa, assume contornos variados e variáveis. Ou seja, são variados no sentido de que esta estrutura apresentada tem um relevo bastante acidentado, com muitas saliências e recônditos que tornam o reconhecimento desse terreno algo bastante laborioso e surpreendente. São, ao mesmo tempo, variáveis, pois o cenário apreendido durante certo período pode se transformar, especialmente no que se refere às suas dimensões micro-sociais. A ideia de uma identidade fixa só existe no plano ideal, a constituição identitária de uma pessoa e de um grupo social se realiza a partir da experiência cotidiana. Nesse sentido a dimensão emotiva pode assumir uma significativa importância na transformação da pessoa e no fortalecimento de determinada identidade. Essa dimensão, que está mais visivelmente presente no universo religioso e nas relações sentimentais, encontra, também no campo militante, expressão similar.

Anita, uma liderança (com 39 anos) que abandonou um curso universitário para ir viver no acampamento é a manifestação mais bem acabada de um processo de conversão que assume contornos muito semelhantes ao que ocorre em uma conversão religiosa. O encantamento e a empolgação com a qual me contou sobre descoberta do

MST e da própria militância como realização pessoal e coletiva não ocultava que aquela adesão estava alicerçada em elementos que iam muito além das questões pragmáticas e ideológicas.

Durante minha pesquisa fui alvo, em vários momentos, do proselitismo evangélico e em várias situações alguns deles insistiam que eu deveria participar dos cultos de suas igrejas para eu ver que transformaria a minha vida. De maneira pouco disfarçada, esse também foi o conteúdo – guardando, obviamente, as devidas proporções – da fala dessa liderança quando lhe pedi permissão para passar um período no acampamento. Ela parecia notar em mim elementos coincidentes como o percurso pelo qual ela passou antes de sua “conversão” ao MST. Naquele momento me disse que iria submeter essa solicitação ao coletivo, mas que a princípio não via nenhum problema. Na sequência passou a considerar que eu corria o risco de me apaixonar e abandonar tudo, como ela havia feito, para me dedicar integralmente ao Movimento.

Ai está uma dimensão importante do MST, a dimensão da militância. Ser designado como militante significa estar disponível integralmente para o MST e disposto a se submeter às suas necessidades, o que pode requerer uma dedicação quase apostólica. Ou seja, seu presente e seu futuro pessoal estão condicionados ao presente e futuro do movimento. Nesse ponto é tentador a realização de uma leitura simplista que reduz esse universo a um linguajar referenciado nas noções de autoritarismo, sectarismo, alienação.... Mas o que é importante ressaltar é que nessa dinâmica de engajamento está atuando inúmeros elementos característicos das relações sociais que são estabelecidas internamente ao acampamento. Atuam também elementos da relação com o entorno e com suas referências “amigas” e “inimigas”. Baseado em todos esses elementos se estabelecem lógicas de engajamento e retribuição que formam o cimento entre esses indivíduos. Deve-se, ao mesmo tempo, sempre manter atualizada a existência no horizonte a possibilidade radical de romper com toda essa estrutura na qual esses militantes estão imersos. Ou seja, como analista, posso buscar compreender os vários elementos que informam aquela adesão, mas devo considerar que se trata de um espaço no qual esse balanço entre engajamento e retribuição pode ser rompido quando o grau de exigência supera suas expectativas. No limite, a recusa a todo aquele universo de sentidos pode se efetivar, como se efetiva com relativa frequência. Não falo em termos de “liberdade” ou “cálculo racional”. Reconheço os constrangimentos objetivos e subjetivos a

essa decisão, mas a margem ao contingente sempre irá existir de forma que faça emergir novas possibilidades de sentido. Quero dizer com isso que essas lideranças e “sua base” estão constantemente em contato com esse discurso político-intelectual que lhes acusam de ser ou estarem submetidos a ou reproduzirem uma estrutura sectária, autoritária, oligárquica, etc. No entanto, é analiticamente pertinente considerar que eles constroem suas ações e seus discursos estabelecendo um ajuste delicado entre todo esse discurso que lhes chegam do exterior e aquilo tudo que vivenciam no e desde o interior. E esse processo está alimentado por justificativas formuladas a partir de vários planos discursivos, inclusive aquele que informa, por exemplo, a emoção que sentem ao ouvir o hino do MST, ou o conforto que sentem por estarem em um meio comunitário.

Há leituras do movimento que veem nessa cúpula, que assume a tarefa de pensar e orientar os rumos do MST, o lócus de algo similar a uma “oligarquia” com seus “coronéis” que atuam na condução de uma massa amorfa e apática vulnerável à manipulação. Mas, o que me parece analiticamente mais coerente, é perceber que o que está em questão nas análises desses diferentes estratos que se relacionam internamente ao MST são as suas diferentes lógicas de engajamento que se nutrem de diferentes expectativas de retribuição. Para os acampados que conformam a base do movimento, eles estão raramente interessados nas retribuições que interessam às lideranças: *“tem vezes que me irrita, só pensa na terra, terra, terra... e tem tanta coisa além disso”*. Nessa frase, proferida pela liderança referida acima, está condensado o abismo que existe entre os interesses que mobilizam esses estratos. Seguramente, boa parte de tudo aquilo que está para além do objetivo imediato de conquistar a terra tem a ver, em grande medida, com o universo simbólico no qual estão imersos esses militantes.

Ao longo da pesquisa tive contato com várias lideranças que compunham a direção estadual do MST, estância máxima regional. Ocupar um posto na direção era sinal de que se tratava de um militante exemplar, alguém que merecia ser tratado com deferência e ser mirado como uma referência de postura e compromisso. Assim também funcionava nos níveis inferiores. Em uma reunião do Núcleo de Base da qual participei no acampamento, coincidiu justamente com a indicação de dois nomes para comporem a Brigada de Organicidade. Antes da decisão foi elencado uma série de atributos dos quais os indicados deveriam estar investidos. Para que a decisão fosse tomada se fez necessário que o indicado ao cargo que participava daquela reunião se retirasse momentaneamente.

Os nomes foram então discutidos tomando como parâmetro alguns indicadores listados anteriormente: lutador, dedicação aos estudos, humildade, desejo de aprender, compromisso com a luta, pontualidade, participação nas mais diversas atividades, disciplina, etc. Naquela oportunidade não houve nenhuma restrição àqueles nomes, apenas em um dos casos uma pessoa comentou que ele precisava ser mais humilde, pois o notavam um pouco prepotente. Esta pessoa era justamente o único homossexual visivelmente assumido que encontrei no acampamento.

Como princípio, qualquer acampado pode indicar um nome para compor a Brigada de Organicidade, mas como prática são os próprios integrantes da BO que identificam aqueles mais aptos a comporem-na e são eles que os indicam à coordenação, da qual a BO é parte integrante. A coordenação, por sua vez, repassa para os NBs o poder de referendar aquelas indicações. Inclusive, após a aceitação daquelas indicações se abriu aos demais a possibilidade de indicar algum outro nome. Naquele momento um jovem indicou um outro jovem que estava ali presente. O indicado imediatamente e enfaticamente renunciou àquela indicação e aquelas manifestações que ocorreram quase de forma paralela não impuseram maiores consequências sobre o curso da reunião.

Ou seja, há um processo de retro-alimentação do poder que sempre está emanando e, ao mesmo tempo, convergindo para o centro. Desde o centro concentrador de poder se atribui o poder de decisão às instancias inferiores até chegar à integralidade do coletivo. Este por seu turno, produz o revestimento de legitimidade para as decisões a serem tomadas. Como nesse caso, o referendo à escolha daqueles nomes compõe esse processo performático de legitimação do escolhido, mas, no limite desse processo quem está se legitimando e se dotando de poder é a própria BO. Ela se reveste de uma armadura mística para dentro e para fora, ela produz ao mesmo tempo em que é produzida. É um espaço do qual emana sapiência e poder simbólico, que dá a conhecer seu militante e é reconhecida por todos, que produz visão e divisão. (Bourdieu, 2004)

Ainda que o “simples” acampado tenha um papel importante nesse jogo de reconhecimento e reprodução de uma determinada forma organizativa, grande parte destes não estão inseridos nesse espaço almejando disputar tal distinção. As regras desse jogo e os lances que podem fazer a diferença e se fazer diferente só fazem sentido entre os que entram naquele espaço com o sentido do jogo incorporado. Dessa forma, aqueles que já chegam ali munidos de um capital militante se destacam facilmente, estão

habitados às longas reuniões, sabem como intervir e o que dizer, enfim, se sentem bastante à vontade é como um peixe dentro d'água.

Do que expus acima e a partir de outras evidências a Brigada de Organicidade que funciona no acampamento me parece carregar as características weberiana de *seita*⁷⁹. O exemplo que Weber utiliza quando descreve o processo de aceitação de um membro à congregação batista me parece similar ao que ocorre na eleição de um membro para a BO. A admissão àquela congregação assim como à BO, apenas ocorria após a pessoa passar por crivo rigoroso quanto à suas qualidades morais. E, nesse caso, sua admissão lhe garantiria um capital moral irrepreensível. No caso da congregação, esse capital moral poderia ser convertido em capital econômico, já que no exemplo de Weber ele almejava abrir um banco. No caso da BO, se converteria em capital militante, seria reconhecido interna e externamente pela credencial que era pertencer àquele grupo seletivo.

Ainda que o ingresso na BO seja voluntário ele não é aberto a qualquer um, sua qualidade moral é colocada à prova e mesmo após o seu ingresso ele deverá fazer jus à sua escolha. Mas o “decisivo é que se seja admitido como membro através de ‘votação’, depois de um *exame* e uma *comprovação* ética no sentido das virtudes que estão a prêmio para o ascetismo ao mesmo tempo íntimo e voltado para o mundo (...)” (Weber, 1985, p.353).

O princípio da comunidade (sacramental local, no caso das seitas religiosas) também está presente na conformação da BO. O formato de eleição dos qualificados, e apenas dos qualificados, não seria possível caso possuísse uma grande amplitude. Daí que, como destacado por Weber (1985, p.363), se tratar de um grupo limitado. Apenas uma comunidade pequena poderia proceder da forma como procedem.

A disciplina moral é outro princípio acentuado por Weber. Dentre os critérios elencados para os aptos a pertencerem à BO estava justamente a *disciplina* como uma qualidade moral fundamental. Nesse caso a disciplina remetia a um rigor nos compromissos assumidos com o MST e com a militância em geral. Mas também remetia a dimensões mais fortemente morais, como a humildade, a dedicação aos estudos e uma maior vigilância no comportamento sexual. Nesse sentido, da mesma forma que as seitas, a BO é comparável à uma ordem monástica. O princípio de noviciado, apesar de não

⁷⁹ Análise semelhante e inspiradora, ainda que referente a outro universo empírico, foi feita por Oliveira (2008).

estar formalmente definido para a BO, ele se processava quase que espontaneamente. Então, quando uma pessoa chegava no acampamento, mesmo já carregando todas as credenciais para passar direto à sua composição, ele deveria experimentar um período como “noviço”. Esse aspecto ficou especialmente saliente para uma das pessoas que foi eleita para compor a BO citada acima, aquela contra a qual nada depunha. Uma outra pessoa ainda não compunha a BO formalmente, mas estava evidente que experimentava o período do “noviciado”.

Outro paralelo que me parece de caráter mais fundamental, é que as seitas, ao selecionar aqueles mais aptos moralmente estavam criando as condições basilares para a consolidação e evolução do capitalismo. No caso da BO, a seleção dessas pessoas distintivas moralmente fundamenta o estabelecimento do MST como força social e política atual. O que é o MST atualmente é devido a esses inúmeros militantes forjados a partir desse conjunto de características que definem seus espaços, dentre os quais a BO é a sua extremidade mais elementar. Não é a doutrina ética, mas a forma de conduta ética o que interessa. É essa conduta que constitui o *ethos* de cada pessoa. Nas seitas havia o sentido de provação junto a Deus, mas também junto aos homens de forma que não perdesse o status. Na BO ocorre o “mesmo” há necessidade de provar tal merecimento junto ao MST e junto às demais pessoas que o compõe. Enquanto que as seitas funcionaram no sentido de fazer nascer o “espírito do capitalismo moderno, seu *ethos* específico: o *ethos* das *classes médias burguesas* modernas” (p.368-369 ênfases no original); a BO funciona no sentido de fazer produzir o *espírito* do MST.

Uma observação que também faz pensar é a comparação entre seitas e as guildas que Weber propõe. Enquanto as primeiras reuniam uma variedade de perfis qualificados por uma base moral, as guildas reuniam profissionais que, apesar de sua base moral, competiam entre si. No caso da BO, não há essa competição declarada, mas todos estão, em alguma medida buscando os mesmos reconhecimentos simbólicos que podem fazê-los chegar a postos mais altos na hierarquia. Portanto, de uma base relativamente numerosa, apenas alguns chegam ao “topo” da excelência militante.

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. A delegação e o fetichismo político. In: **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004, pp. 188-206.

BRUSEKE, F. J. **ROMANTISMO**, Mística e Escatologia Política. **Lua Nova**: Revista de Cultura e Política. São Paulo: CEDEC, n.62, 2004, pp. 21-44, 2004.

CABALLERO, I. N. V. **“O trabalho no papel”**: uma etnografia com papeleiros. Rio de Janeiro: UFRJ, Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

CHAVES, C. A. A Marcha Nacional dos Sem-Terra: estudo de um ritual político. In: PEIRANO, M. **O dito e o feito**: ensaios de antropologia dos rituais. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Nuap/UFRJ, 2002, pp.133-148.

COMERFORD, J. As reuniões em um assentamento rural como rituais. In. COSTA, L. F. C.; FLEXOR, G. e SANTOS, R. **Mundo Rural Brasileiro**: ensaios multidisciplinares. Rio de Janeiro: Mauad X; Seropédica-RJ: Edur-UFRRJ, 2008, pp.181-190.

COMERFORD, J. **Fazendo a luta**: sociabilidade, falas e rituais na construção de organizações camponesas. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

DA ROS, C. A. **As políticas agrárias durante o governo Olívio Dutra e os embates sociais em torno da questão agrária gaúcha (1999-2002)**. 2006. 475p Tese (Doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade). Instituto de Ciências Sociais e Humanas, Curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2006.

OLIVEIRA, E. M. **“O mergulho no Espírito de Deus”**: Diálogos (im) possíveis entre a Renovação Carismática Católica (RCC) e a Nova Era na Comunidade de Vida no Espírito Canção Nova. Rio de Janeiro: IFCH-PPGCS-UERJ, Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2003.

FERNANDES, B. M. A Formação do MST no Brasil. Petrópolis, Vozes, 2000.

GAIGER, L. I. As razões da luta: as condições socioculturais de engajamento no MST. **Estudos Sociedade e Agricultura**. N.13. Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ, outubro de 1999, pp.70-92.

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 2003

KAGEYAMA, A. (coord.) O novo padrão agrícola brasileiro: do complexo rural aos complexos agroindustriais. In: DELGADO, G. et al (orgs.) **Agricultura e políticas públicas**. Brasília: IPEA, 1990.

LERRER, D. F. **Trajetória de militantes sulistas**: nacionalização e modernidade do MST. Rio de Janeiro: CPDA-UFRRJ, Tese de Doutorado. Curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais em Desenvolvimento Agricultura e Sociedade, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2008.

MACEDO, M. H. Entre a “violência” e a “espontaneidade”: reflexões sobre o processo de mobilização para ocupações de terra no Rio de Janeiro. *Mana – Estudos de Antropologia Social*. Vol.11, N.2, Rio de Janeiro: Contra Capa, Outubro de 2005, pp.473-497

MACHADO, P. P. **A política de colonização do Império**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1999.

MARCON, T. **Acampamento Natalito**: história da luta pela reforma agrária. Passo Fundo: Ediupf, 1997.

MARTINS, J. S. **O cativo da terra**. São Paulo: LECH – Livraria Editora Ciências Humanas, 1981.

MEDEIROS, L. S. **História dos movimentos sociais no campo**. Rio de Janeiro: FASE, 1989.

PIETTE, Albert. **Les religiosités séculières**. Paris: Universitaires de France (Série. *Que sais-je*), 1993.

SCHMITT, C. J. **O tempo do acampamento**: a construção da identidade social e política do “colono sem-terra” – Parte II. Porto Alegre: UFRGS. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1992.

SIGAUD, L. Os acampamentos da reforma agrária: história de uma surpresa. In: L’ESTOILE, B. de & SIGAUD, L. (orgs.). **Ocupações de terra e transformações sociais**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, pp.29-63.

SILVA, J. G. **A modernização dolorosa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

SUAUD, C. **La vocation**: conversion e reconversion des prêtres ruraux. Paris: Les Editions de Minuit, 1978.

TAVARES DOS SANTOS, J. V. **Colonos do vinho**: estudo sobre a subordinação do trabalho camponês ao capital. São Paulo: Hucitec, 1978.

WEBER, M. “A psicologia social das religiões mundiais”; “As seitas protestantes e o espírito do capitalismo”; “Rejeições religiosas do mundo e suas direções”. In. WEBER, M. **Ensaio de Sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985, pp. 309-346.

WOORTMANN, K. **“Com parente não se neguceia”**. O campesinato como ordem moral. Anuário Antropológico 87, RJ. Tempo Brasileiro, 1990.